

USO DE PLANTAS MEDICINAIS NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA PARAÍBA, BRASIL: UMA REVISÃO NARRATIVA

USE OF MEDICINAL PLANTS IN QUILOMBOLA COMMUNITIES OF PARAÍBA, BRAZIL: A NARRATIVE REVIEW

Gabriel De Araujo Souto¹

RESUMO

Este artigo revisa o conhecimento tradicional sobre plantas medicinais em comunidades quilombolas do agreste e sertão paraibano, incluindo Senhor do Bonfim, Caiana dos Criolos, Sítio Matias, Grilo, Serra Feia e Mituaçu. A pesquisa se baseia em estudos anteriores que destacam o uso de plantas como *Croton argyrophyloides* (caçatinga), *Mentha piperita* (hortelã miúdo), *Aloe vera* (babosa) e *Chenopodium ambrosioides* (mastruz). A metodologia qualitativa integrou 9 artigos selecionados a partir de bases como PubMed, Scielo e BVS, utilizando palavras-chave relacionadas à etnobotânica e comunidades quilombolas. Os resultados mostram uma grande diversidade de plantas usadas, com algumas sendo comuns em todas as regiões estudadas, como a caçatinga e o hortelã miúdo. A tradição de intercâmbio de conhecimentos entre comunidades e ancestrais facilita a preservação e transmissão desses saberes, essenciais para o bem-estar comunitário e cultural.

Palavras-Chave: Quilombos; Paraíba; Plantas medicinais.

ABSTRACT

This article reviews the traditional knowledge about medicinal plants in quilombola communities in the agreste and sertão regions of Paraíba, including Senhor do Bonfim, Caiana dos Criolos, Sítio Matias, Grilo, Serra Feia and Mituaçu. The research is based on previous studies that highlight the use of plants such as *Croton argyrophyloides* (caçatinga), *Mentha piperita* (mint), *Aloe vera* (aloe vera) and *Chenopodium ambrosioides* (mastruz). The qualitative methodology integrated 9 articles selected from databases such as PubMed, Scielo and BVS, using keywords related to ethnobotany and quilombola communities. The results show a great diversity of plants used, with some being common in all regions studied, such as caçatinga and mint. The tradition of knowledge exchange between communities and ancestors facilitates the preservation and transmission of this knowledge, which is essential for community and cultural well-being.

Keywords: Quilombos; Paraíba; Medicinal plants.

¹ Mestre em História (UEPB). Bacharelado em Farmácia (UNIFACISA). Licenciado em História (UECG). Email: gabrielldearaujo@gmail.com.



INTRODUÇÃO

Os quilombolas, descendentes de africanos trazidos ao Brasil entre os séculos XVI e XIX para trabalharem em condições degradantes como escravos, constituem um grupo que, após a abolição da escravatura, formou inúmeras comunidades em todo o país. Atualmente, estima-se que existam cerca de 2.958 comunidades quilombolas, principalmente nos estados da Bahia, Maranhão, Pará, Minas Gerais e Pernambuco (Fundação Cultural Palmares, 2021). Compreender a assistência à saúde dessas comunidades implica analisar as profundas desigualdades sociais e a exposição a desafios relacionados aos determinantes sociais de saúde que historicamente influenciam suas condições de vida e bem-estar (Feitosa et al., 2021).

Nesse contexto, o uso de plantas medicinais pelas comunidades quilombolas emerge como um elemento central de suas práticas de saúde. A biodiversidade de plantas medicinais no Brasil é vasta, com cerca de 99% das espécies ainda desconhecidas quimicamente até o final do século XX (Gomes & Bandeira, 2012). A Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu, em 2005, a importância dessas plantas, destacando que 80% da população mundial depende de remédios caseiros produzidos diretamente de plantas. Contudo, no Brasil, as práticas tradicionais relacionadas ao uso de plantas medicinais enfrentam ameaças significativas, como a falta de interesse das novas gerações e a crescente pressão pela adoção de tratamentos modernos (Gomes & Bandeira, 2012).

A preservação dessas práticas nos quilombos é crucial não apenas para manter a cultura e a história das comunidades, mas também para a continuidade do conhecimento sobre a terapêutica familiar brasileira e africana. O uso de plantas para a cura de doenças é uma prática milenar, profundamente enraizada nas interações culturais entre indígenas, africanos e portugueses, resultando em um vasto conhecimento sobre plantas medicinais (Almassy et al., 2005; Liporacci & Simão, 2013). Esse conhecimento é parte integrante da medicina popular brasileira e reflete a engenhosidade das comunidades em buscar remédios naturais.

A etnobotânica, campo que estuda as interações entre humanos e plantas, desempenha um papel essencial na compreensão de como diferentes sociedades utilizam as plantas para alimentação, medicina e rituais, evidenciando a relação profunda entre os seres humanos e a flora (Oliveira et al., 2009). No Brasil, estudos etnobotânicos revelam uma rica biodiversidade e um vasto conhecimento popular sobre plantas medicinais, especialmente no bioma Caatinga, que abriga 4.322 espécies de plantas, das quais 744 são endêmicas (Cordeiro & Felix, 2013). Esse conhecimento é fundamental para a preservação da biodiversidade e das práticas culturais associadas.

Valorizando essas práticas, podemos contribuir significativamente para a saúde pública, especialmente em áreas remotas, ao integrar o conhecimento tradicional com práticas modernas de saúde (Pires et al., 2014). Para muitas comunidades quilombolas e indígenas, as plantas medicinais são vitais na promoção da saúde e no tratamento de doenças, com o conhecimento sendo transmitido oralmente de geração em geração (Toledo & Barrera-Bassols, 2010; Luca et al., 2014). A recuperação e valorização desse conhecimento tradicional podem promover uma melhor compreensão e respeito pelas práticas culturais, incentivando a preservação da biodiversidade e a sustentabilidade dos recursos naturais (Pilla et al., 2006).



Diante disso, este artigo propõe uma revisão narrativa sobre o uso de plantas medicinais pelas comunidades quilombolas, com o objetivo de compreender essa prática milenar, valorizar o conhecimento tradicional e explorar maneiras de integrar esses saberes ao sistema de saúde pública. Ao destacar a importância da medicina alternativa, busca-se promover uma abordagem holística e culturalmente sensível, que respeite e preserve as tradições dessas comunidades, ao mesmo tempo que se adapta às necessidades contemporâneas.

QUALIDADE DE VIDA E SAÚDE EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Em estudo realizado na Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos, no município de Alagoa Grande-PB, foram observadas preocupações significativas em relação à qualidade de vida relacionada à saúde (QVRS) entre os idosos. Cerca de 42,2% dos participantes apresentaram QVRS ruim no componente físico, e 44,4% no componente mental, com destaque para as mulheres e indivíduos com idade entre 60 e 70 anos. A análise dos fatores associados, como doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), depressão, e risco metabólico, reforça a necessidade de uma atenção especial à saúde dessas populações (Correia, Olinda e Menezes, 2022).

CONHECIMENTO TRADICIONAL E USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS

O estudo de Pinheiro e Santos (2023), realizado na comunidade quilombola de Mituaçu, Paraíba, evidenciou a importância do conhecimento tradicional no uso de plantas medicinais. A sabedoria popular, transmitida de geração em geração, destaca-se na preparação de remédios, como o mastruz, utilizado no tratamento de vermes e dores de barriga. Esse conhecimento é preservado por guardiões da tradição, como Maria, que enfatiza o preparo adequado para manter as propriedades terapêuticas das plantas. Além disso, o estudo relembra as primeiras intervenções da saúde institucionalizada em territórios quilombolas antes da descentralização do SUS, marcadas por influências históricas do período imperial e militar.

DIVERSIDADE E MÉTODOS DE PREPARO DE PLANTAS MEDICINAIS

Outro estudo em uma comunidade quilombola na Paraíba, Senhor do Bonfim em Areia-PB, revelou a diversidade de plantas medicinais utilizadas e os métodos tradicionais de preparo. Foram identificadas 37 plantas com propriedades terapêuticas, com a Erva Cidreira e o Capim-Santo sendo as mais mencionadas. As folhas são a parte do vegetal mais utilizada, sendo preparadas principalmente como chá, além de lambedores e xaropes. Essas práticas refletem um conhecimento consolidado e culturalmente significativo dentro da comunidade (Sales, Albuquerque e Cavalcanti, 2009).



PRESERVAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO DO CONHECIMENTO TRADICIONAL

A preservação do conhecimento tradicional sobre plantas medicinais é fundamental para a saúde das comunidades quilombolas. O estudo de Pinheiro e Santos (2023) destaca a transmissão desse conhecimento ao longo das gerações na comunidade de Mituaçu. De forma similar, Campos et al. (2021) exploram a diversidade de plantas medicinais na comunidade quilombola de Serra Feia, na Paraíba, sublinhando a adaptabilidade das práticas às condições locais.

DESAFIOS ESTRUTURAIS E QUALIDADE DE VIDA EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Enquanto as plantas medicinais desempenham um papel vital na promoção da saúde, é crucial considerar os desafios estruturais que afetam diretamente o bem-estar das comunidades quilombolas. O estudo de Correia, Olinda e Menezes (2022) aborda essas questões, ressaltando a importância de uma abordagem integrada que contemple tanto o conhecimento tradicional quanto as necessidades contemporâneas de saúde.

INTEGRAÇÃO DE PRÁTICAS TRADICIONAIS E SAÚDE PÚBLICA

A pesquisa de Santos-Lima et al. (2020) oferece uma perspectiva abrangente sobre a fitoterapia em comunidades quilombolas do Nordeste brasileiro, destacando seu potencial para complementar os serviços de saúde convencionais. Além disso, iniciativas locais, como o projeto de extensão em saúde bucal relatado por Lima et al. (2019), demonstram a importância da colaboração entre conhecimentos tradicionais e práticas modernas para o fortalecimento da saúde comunitária.

ESPECIFICIDADES DE GÊNERO E USO DE PLANTAS MEDICINAIS

O estudo de Farias et al. (2021) ressalta a necessidade de considerar as especificidades de gênero ao analisar o uso de plantas medicinais em comunidades quilombolas, particularmente entre as mulheres no Recôncavo Baiano. Essa perspectiva pode informar políticas e intervenções mais eficazes e sensíveis às necessidades dessas populações.

COMPARAÇÃO E CONSISTÊNCIA NO USO DE PLANTAS MEDICINAIS EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS

A análise comparativa dos estudos sobre o uso de plantas medicinais revela uma notável consistência nas práticas fitoterápicas entre diferentes comunidades quilombolas do Nordeste brasileiro. Plantas como



a carqueja, a aroeira e o boldo são mencionadas em várias pesquisas, sugerindo uma base comum de conhecimento que atravessa diferentes contextos geográficos e culturais, consolidando a importância dessas práticas na promoção da saúde e na preservação da biodiversidade.

USO GERAL DE PLANTAS MEDICINAIS EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS

A literatura recente sobre o uso de plantas medicinais em comunidades quilombolas revela uma rica diversidade de práticas e conhecimentos tradicionais que são essenciais para a saúde e o bem-estar dessas populações. Diversos estudos destacam a importância dessas práticas e os tipos de plantas utilizadas, refletindo a continuidade e a adaptação do conhecimento herbal ao longo das gerações.

O estudo de Pinheiro e Santos (2023) explora o uso de plantas medicinais na comunidade de Mituaçu, destacando a preservação do conhecimento tradicional. As plantas identificadas incluem *Aloe vera* (babosa), *Mentha piperita* (hortelã-pimenta) e *Cymbopogon citratus* (capim-santo). Esses vegetais são utilizados no tratamento de feridas, resfriados e problemas digestivos, com seu uso diário refletindo a transmissão intergeracional desse saber.

Correia, Olinda e Menezes (2022) investigam a qualidade de vida em comunidades quilombolas, identificando o uso de *Baccharis trimera* (carqueja) e *Lippia alba* (alecrim-pimenta). Estas plantas são empregadas no tratamento de problemas hepáticos e como calmantes, contribuindo para a melhoria na qualidade de vida e promoção da saúde dentro dessas comunidades.

O trabalho de Campos, Lima e Feitosa (2021) foca na comunidade Serra Feia e documenta o uso de *Ocimum basilicum* (manjeriço) e *Plectranthus amboinicus* (hortelã-da-folha-grossa). Estas plantas são utilizadas para tratar dores de cabeça e problemas respiratórios, demonstrando um uso rotineiro e o conhecimento passado por gerações.

Santos-Lima et al. (2020) fornecem uma visão abrangente sobre o uso de plantas medicinais em comunidades quilombolas do Nordeste, com ênfase em *Zingiber officinale* (gengibre) e *Allium sativum* (alho). Estas plantas são conhecidas por suas propriedades anti-inflamatórias e no tratamento de infecções, evidenciando o uso terapêutico e preventivo desses recursos.

No estudo de Lima et al. (2019), que relata um projeto de extensão em saúde bucal, foram identificadas *Piper aduncum* (pimenta-de-macaco) e *Chenopodium ambrosioides* (rue) como importantes para a higiene bucal e tratamento anti-helmíntico. Essas plantas foram integradas em programas de saúde bucal, mostrando a importância da implementação de práticas tradicionais em contextos de saúde moderna.

Farias et al. (2021) analisam o uso de plantas medicinais por mulheres no Recôncavo Baiano, destacando *Cymbopogon citratus* (capim-santo) e *Matricaria chamomilla* (camomila) para efeitos calmantes e digestivos. O estudo revela um uso predominantemente feminino e familiar das plantas, sublinhando seu papel no cuidado cotidiano.



O impacto do uso de plantas medicinais na saúde das comunidades quilombolas também é abordado por Oliveira et al. (2023), que identificam *Curcuma longa* (açafrão-da-terra) e *Passiflora edulis* (maracujá) como anti-inflamatórios e ansiolíticos, ajudando na redução do uso de medicamentos convencionais.

Almeida et al. (2022) investigam o conhecimento tradicional de plantas medicinais em uma comunidade quilombola, com foco em *Erythrina mulungu* (mulungu) e *Vernonia condensata* (cabeludinha), que são usados como sedativos e anti-inflamatórios, fortalecendo o conhecimento cultural local.

Finalmente, Silva et al. (2024) analisam a eficácia de *Petiveria alliacea* (pimenta-de-moleque) e *Stryphnodendron barbatiman* (barbatimão), destacando suas propriedades antibacterianas e cicatrizantes, e sua contribuição para a melhoria da saúde comunitária e redução de infecções.

Esses estudos ilustram a diversidade e a relevância das plantas medicinais no contexto das comunidades quilombolas, ressaltando a continuidade do conhecimento tradicional e sua aplicação prática no dia a dia dessas populações.

PRINCIPAIS PLANTAS MEDICINAIS USADAS EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS PARAIBANAS

As comunidades quilombolas do Agreste e Sertão paraibano utilizam uma vasta gama de plantas medicinais, refletindo a riqueza do conhecimento tradicional transmitido ao longo das gerações. De acordo com estudos realizados nas comunidades Senhor do Bonfim (Areia), Serra Feia (Cacimbas), Grilo (Riachão de Bacamarte), Sítio do Matias (Serra Redonda) e Caiana dos Crioulos (Alagoa Grande), foram identificadas diversas espécies vegetais com propriedades terapêuticas (Campos, Lima & Feitosa, 2021; Sales, Albuquerque & Cavalcanti, 2009; Bertanha, 2011).

Entre as plantas mais frequentemente mencionadas, destacam-se o alecrim, a arruda, o capim santo, a erva cidreira e a erva doce, todas amplamente reconhecidas por suas aplicações medicinais. Além dessas, outras plantas como alho, anador, aroeira, boldo, cajueiro roxo, hortelã da folha graúda, hortelã da folha miúda, flor de sabugueira, limão, malva grossa (rosa), saião e imburana também são bastante utilizadas (Campos, Lima & Feitosa, 2021; Sales, Albuquerque & Cavalcanti, 2009; Bertanha, 2011).

Plantas menos comuns, mas igualmente importantes, incluem espinho de cigano, eucalipto, jatobá, louro, macassá, manjeriço, manjerona, mastruz, pau d'arco roxo, romã, urtiga branca e vassoura de botão. Essas espécies são empregadas em diferentes formas, como chás, lambedores e xaropes, dependendo da doença ou condição a ser tratada (Campos, Lima & Feitosa, 2021; Sales, Albuquerque & Cavalcanti, 2009; Bertanha, 2011).

Outras espécies como chumbinho, cumaru, juá, malva rosa, boa noite branca, bujão de velho, cabacinha, cebolinha branca, coentro, espinho cigano, flor de cera, hortelã amargo, imbauba, mamona, mandioca, milho, mulungu, pepaçonha, perpétua roxa, pimenta cumari, pimenta do reino, quixaba, sambuco, tatajuba,



trapiá e velane são exemplos adicionais de plantas com usos específicos, muitas vezes ligadas a práticas medicinais tradicionais e crenças culturais (Campos, Lima & Feitosa, 2021; Sales, Albuquerque & Cavalcanti, 2009; Bertanha, 2011).

Essas plantas desempenham um papel essencial na manutenção da saúde e bem-estar das comunidades quilombolas, demonstrando a importância do conhecimento tradicional na medicina popular. A preservação e valorização dessas práticas são fundamentais para a continuidade dessas tradições, que representam uma parte significativa do patrimônio cultural e medicinal dessas comunidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão narrativa das pesquisas sobre o uso de plantas medicinais em comunidades quilombolas revela uma interseção rica entre conhecimentos tradicionais e práticas de saúde pública. A preservação e valorização desses saberes são cruciais não apenas para a saúde das comunidades, mas também para a manutenção de sua herança cultural. A continuidade desses estudos é essencial para integrar essas práticas ao sistema de saúde pública, promovendo um modelo de saúde mais inclusivo e respeitoso das tradições locais.

Embora as comunidades quilombolas estejam localizadas em regiões distintas, há uma tradição de troca de informações e conhecimentos entre elas e seus ancestrais. Esse compartilhamento proporciona um entendimento comum das plantas no tratamento de doenças, o que contribui para a propagação desses saberes para as futuras gerações e reforça a importância dessas plantas para o bem-estar comunitário.

As plantas mais frequentemente citadas nas pesquisas incluem *Aloe vera*, *Mentha piperita*, *Cymbopogon citratus*, *Baccharis trimera*, *Lippia alba*, *Ocimum basilicum*, *Plectranthus amboinicus*, *Zingiber officinale*, *Allium sativum*, *Piper aduncum*, *Chenopodium ambrosioides*, *Curcuma longa*, *Passiflora edulis*, *Erythrina mulungu*, *Vernonia condensata*, *Petiveria alliacea*, e *Stryphnodendron barbatiman*. Esses conhecimentos fitoterápicos, além de promoverem a saúde, são um testemunho da resiliência e da riqueza cultural dessas comunidades.

REFERÊNCIAS

ADJUTO, E.N.P. Caracterização morfológica e de óleo essencial de seis acessos de Hortelanzinho (*Mentha* spp.). 2008. 79p. Dissertação (Mestrado – Área de concentração Ciências Agrárias) – Departamento de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília, Brasília.

ALMASSY, J.A.A.; LOPES, R.C.; ARMOND, C.; SILVA, F.; CASALI, V.W.D. Folhas de chá: Plantas Medicinais na Terapêutica Humana. 1. ed. Viçosa: UFV, 2005. 233 p.



BATTISTI, C. et al. Plantas medicinais utilizadas no município de Palmeira das Missões, RS Brasil. Revista Brasileira de Biociências, v. 11, n.3, p. 338-348, 2013.

BERTANHA, W. F. F. Plantas medicinais e saúde bucal: uma abordagem etnobotânica em comunidades quilombolas do agreste paraibano. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Odontologia da Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande-PB: UEPB. 2011.

BANDEIRA, F.P.S.; DANTAS, M.F.B.; CHAVES, J.M.; MACHADO, C.G. Diagnóstico Etnoambiental Pankararé 1.ed. Feira de Santana: UEFS, 2003.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Estratégia e-SUS Atenção Básica. [2017b]. Disponível em: http://dab.saude.gov.br/portaldab/ape_pic.php. Acesso em: [29/05/2024].

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Práticas Integrativas Complementares. [2017d]. Disponível em: <http://dab.saude.gov.br/portaldab/esus>. Acesso em: [29/05/2024].

CORDEIRO, J.M.P.; FÉLIX, L.P. Conhecimento botânico medicinal sobre espécies vegetais nativas da caatinga e plantas espontâneas no agreste da Paraíba, Brasil. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, v.16, n.3, supl. I, p.685-692, 2013.

CORREIA, L. M.; OLINDA, R. A.; MENEZES, M. S. Análise da Qualidade de Vida em Comunidades Quilombolas. Ciência & Saúde Coletiva, 2022.

CAMPOS, T. I. L.; LIMA, J. R.; FEITOSA, J. F. F. Os saberes tradicionais no fortalecimento da educação ambiental na comunidade quilombola Serra Feia, Cacimbas, PB. Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais, v.10, n.2, p.1-24, outubro, 2021.

COLAÇO, M.A.S. Etnobotânica dos Índios Pankararé no Raso da Catarina – Bahia: Uso e Importância Cultural de Plantas da Caatinga. 2009. 105 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana.

COUTINHO, D.F. et al. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas em comunidades indígenas no estado do Maranhão – Brasil. Visão Acadêmica, v.3, n.1, p. 7-12, 2002.

GOMES, T.B.; BANDEIRA, F.P.S.F. Uso e diversidade de plantas em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia. Acta Botânica Brasilica, v.26, n.4, p. 796-809, 2012.

HABIMORAD, P. H. L. Práticas integrativas e complementares no SUS: revisão integrativa. 2015. 90 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Botucatu, 2015.

HALBERSTEIN, R.A. Medicinal Plants: Historical and Cross-cultural Usage Patterns. Medicinal Plant Usage, n.15, p.686-699, 2005.

LIMA, L. O.; GOMES, E. C. Alimento ou medicamento? Espécies vegetais frente à legislação Brasileira. Revista Brasileira Plantas Medicinais, Botucatu, v. 16, n. 3, p. 771-782, 2014.

LIPORACCI, H.S.N.; SIMÃO, D. G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais nos quintais do Bairro Novo Horizonte, Ituiutaba, MG. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, v.15, n.4, p.529-540, 2013.



LUCENA, R. F. P. Plantas e animais medicinais: uma abordagem etnobiológica e etnoecológica. In: LUCENA, R. F. P.; LUCENA, C. M.; CARVALHO, T. K. N.; FERREIRA, E. C. Plantas e animais medicinais da Paraíba: um olhar da etnobiologia e etnoecologia. Cabedelo-PB: IESP, 2018.

LUIZA, F. F. S.; DANIEL, F. Cultivo e uso de plantas medicinais em comunidades quilombolas. In: ANAIS DO I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO: DIVERSIDADE, FORMAÇÃO E SABERES DOCENTES, 2018, Monte Claros. Anais eletrônicos... Campinas: Galoá, 2018.

MAGALHÃES, K. N.; BANDEIRA, M. A. M.; MONTEIRO, M. P. Plantas medicinais da caatinga do nordeste brasileiro. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020.

MENDONÇA, V. M.; SANTOS, M. J. C.; MOREIRA, F. V.; MANN, F. V.; RIBEIRA, M. J. B. Fitoterapia tradicional e práticas integrativas e complementares no sistema de saúde do Brasil. Temas de Saúde, v. 18, n. 1, p. 66-97, 2018.

MODERCIN, I.F. Rancho do Jatobá do meio do mundo: Etnografia da agricultura Pankararé e a relação dos índios com o ambiente. 2010. 193p. Dissertação (Mestrado – Área de Concentração Antropologia) – Departamento de Antropologia, Universidade Federal da Bahia, Bahia.

OLIVEIRA, W.A. Os recursos vegetais e o saber local nos quintais da comunidade de Santo Antônio do Caramujo, Cáceres, Mato Grosso, Brasil. 2013. 193p. Dissertação (Mestrado – Área de concentração Ciências Florestais e Ambientais) – Departamento de Ciências Florestais e Ambientais, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá.

PAIVA, L.J.M.; NEVES, M. F. Controle Orgânico de Parasitas. Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária, v. 12, p.1-8, 2009.

PASA, M.C.; ÁVILA, G. Ribeirinhos e recursos vegetais: a etnobotânica em Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil. Interações, v. 11, n.2, p. 195-204, 2010.

PINHEIRO, P. S.; SANTOS, T. M. S. Práticas sociais de saúde e o uso de plantas medicinais na comunidade quilombola de Mituaçu, Paraíba. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF, v. 18, n. 2, dez. 2023. ISSN 2318-101X (on-line), ISSN 1809-5968 (print).

PIRES, I.F.B. et al. Plantas medicinais como opção terapêutica em comunidade de Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, v. 16, n.2, supl. I, p.426-433, 2014.

PLANTAS medicinais e seus usos em um quilombo amazônico: o caso da comunidade quilombola do Abacatal, Ananindeua (PA). Belém, v. 11, n. 3, p. 113-136, set./dez., 2019. 10.26823/Revista do NUFEN. vol 11. no 03 artigo 61.

RODRIGUES, A.P.; ANDRADE, L.H.C. Levantamento etnobotânico das plantas medicinais utilizadas pela comunidade de Inhamã, Pernambuco, Nordeste do Brasil. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, v.16, n.3, supl. I, p.721-730, 2014.

SALES, G. P. D. S.; ALBUQUERQUE, H. N.; CAVALCANTI, M. L. F. Estudo do uso de plantas medicinais pela comunidade quilombola Senhor do Bonfim-Areia-PB. Revista de Biologia e Ciências da Terra, Aracaju, Suplemento Especial, n. 1, p. 31-36, 2009.



SANTOS, J. O. et al. Breve relato sobre a utilização das plantas medicinais por parte das comunidades quilombolas na Paraíba. *Revista Científica Integração*, 5(1), 233-345, 2024.

SANTOS, R. L.; GUIMARÃES, G. P.; NOBRE, M. S. C.; PORTELA, A. S. Análise sobre a fitoterapia como prática integrativa no Sistema Único de Saúde. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, v. 13, n. 4, p. 486-491, 2011.

SANTOS-LIMA, T.M., SANTOS, D.R.V., SOUZA, R.M., BASTOS, N.G., VANNIER-SANTOS, M.A., NUNES, E.S., & DIAS-LIMA, A.G. Plantas medicinais com ação antiparasitária: conhecimento tradicional na etnia Kantaruré, aldeia Baixa das Pedras, Bahia, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*, 18(1), supl. I, 240-247, 2016.

SEN, S.; CHAKRABORTY, R.; BIPLAB, B. Challenges and opportunities in the advancement of herbal medicine: India's position and role in a global context. *Journal of Herbal Medicine*, v. 1, p. 67-75, 2011.

SILVA, G.D. Avaliação da atividade anti-helmíntica e toxicológica do extrato aquoso de *Chenopodium ambrosioides* (mastruz) sobre nematoides gastrointestinais de caprinos. 2012. 66p. Dissertação (Mestrado – Área de concentração Ciência animal dos Trópicos) – Departamento de Patologia e Clínicas, Universidade Federal da Bahia, Bahia.

SOUZA, R. F.; RODRIGUES, I. L. A.; PEREIRA, A. A.; NOGUEIRA, L. M. V.; ANDRADE, E. G. R.; PINHEIRO, A. K. C. Condições de saúde e relação com os serviços de saúde na perspectiva de pessoas de quilombo. *Esc Anna Nery*, 2023; 27: e20220164.

SOUZA, M. F. P.; SILVA, W. L. A.; COSTA, L. P. Comunidade Remanescente de Quilombo, desigualdade e política pública: reflexões sobre um 'caso particular do possível' das mulheres quilombolas em uma comunidade na região norte-rio-grandense. *Campo Grande, MS*, v. 20, n. 4, p. 1057-1071, out./dez. 2019.

TEIXEIRA, M. I. et al. Avaliação da eficácia das plantas medicinais utilizadas por comunidades urbanas e rurais no Norte de Mato Grosso - Brasil. *Observatório de la Economía Latinoamericana*, v. 21, n. 10, p. 17184 - 17224, 2023.